

SIMPÓSIO

Ensino da Bioética *lato sensu*

Marco Segre

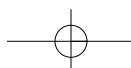
O ensino da Bioética, segundo o autor, não é mera transmissão cognitiva. A Bioética, ética aplicada a situações atinentes à existência, não pode ser doutrina nem religião, muito menos conjunto de normas. Bioética é reflexão e discussão de situações pensadas e “sentidas” por pessoas diferentes, de crenças e vivências distintas, nas quais, existindo confronto de idéias (principalmente na esfera afetiva), se tentará estabelecer algum consenso a partir do mesmo – donde, mediante esse parcial consenso, serão estabelecidas as normas de convívio. Assim, a reflexão ética é, tanto quanto possível, anterior às normas. A postura do autor é a de reconhecimento do relativismo ético, tomando como pressuposto a existência de sentimentos de solidariedade, compreensão ou empatia entre os seres humanos. E de respeito e tolerância.

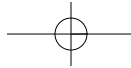


Marco Segre
Professor titular do Departamento de Medicina Legal, Ética Médica e Medicina Social e do Trabalho da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Unitermos: ensino, Bioética, reflexão

Quando se fala sobre o ensino da Bioética, sinceramente, começo a implicar com o termo, pois acho que Bioética propriamente não se ensina, a considero área de reflexão, discussão e interação entre pessoas interessadas em discutir e estabelecer hierarquias de valores. Não propriamente um ensino. Freqüentemente, em entrevistas, ouço a pergunta: o que a Bioética pensa a respeito da clonagem terapêutica? Minha resposta, invariavelmente, é: a Bioética não é uma doutrina, não é uma religião. O que ela não quer ser é justamente uma teoria onde todos pensem de maneira semelhante. Constantemente respondo: posso dizer o que penso sobre a clonagem terapêutica, o que penso sobre a eutanásia, e cada um dirá o que pensa e é a partir dessa interação entre pessoas que pensam e sentem diferentemente – porque o fator crença pesa invariavelmente – que se realiza uma interação e discussão (que quanto mais for





respeitosa e tolerante melhor) da qual podem ressaír algumas normas, alguns princípios e leis que não serão mais Bioética, mas sim a codificação daquilo que determinada comunidade entende como adequado ou inadequado num determinado momento histórico, numa determinada latitude geográfica.

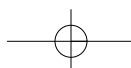
Quando falo sobre Bioética insisto em desmistificar a visão de que é uma teoria, uma doutrina, uma religião que chegou para que todos saibamos o que fazer e o que não fazer. E não é assim, porque o dia em que for dessa forma deixará de ser Bioética, ramo da filosofia e da ética voltado para a hierarquização de valores referentes à vida e à saúde, e passará a ser apenas nova teoria de obediência a uma verdade circunstancial.

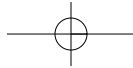
Antes de dizer qualquer coisa sobre a experiência que temos como grupo, como coletivo, citarei uma reflexão que me ocorreu ontem, ao ler um artigo do Robert Becker constante no último número do periódico *CQ*, importante revista estadunidense de Bioética, no qual ele discorria acerca “da meta-ética à Bioética”. O artigo é longo e não haveria sentido em trazê-lo na íntegra, mas o autor fazia algumas ponderações que vieram ao encontro de antiga percepção minha: cada bioeticista (não gosto deste termo, pois acho que qualquer pessoa com vontade e querência de pensar sobre valores pode fazer isso, é apenas questão de querer) leva para a Bioética as marcas daquilo que o atingiu, daquilo que o sintonizou com a discussão de valores em sua vida. Então temos, por exemplo, o movimento feminista, no qual

as atenções dos bioeticistas estão primordialmente voltadas para as questões de gênero porque partiram para a defesa de minorias que, em determinadas épocas, e mesmo na nossa, ainda são de alguma forma prejudicadas. Assim, vemos no Brasil a teologia da libertação, onde cresceu um movimento contrário à opressão, composto, inclusive, por muitos integrantes da Sociedade Brasileira de Bioética. Portanto, temos uma Bioética muito voltada para o coletivo, para o social. Tão voltada para o social que o principal tema deste nosso congresso, que será brilhantíssimo, é “Poder e Justiça”. O que quero dizer é que cada um de nós, e me sinto incluído, leva para a Bioética aquilo que mais o toca, que mais o atinge, ou seja, o movimento social, o movimento feminista e outros.

Já expus algumas vezes, até para explicar melhor, como vejo o ensino da Bioética. No meu caso, minha posição na Bioética decorre de uma luta não contra os homens ou contra as mulheres, não contra as autoridades repressivas ou contra os negros, mas contra mim mesmo, quer dizer, foi a percepção de todas as coisas que sinto e penso, mas que, por características da educação que recebi, passaram para o domínio do “inconsciente”.

Terminarei já essa rápida introdução conceitual. Dou grande valor à questão da experiência pessoal, e os senhores vêm como também estou levando meu “sentir” para a Bioética, quanto à reflexão autônoma, onde procuro, tanto quanto possível, desapegar-me de todos os valores preexistentes. A princípio, não





SIMPÓSIO

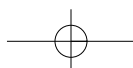
quero saber o que é bom ou mau, o que é certo ou errado, o que é virtude ou pecado, o que é legal ou ilegal. Quero, no fundo, buscar dentro de mim o que acho adequado (ou não) em cada determinada circunstância. Assim, sob esta visão ética, faremos o gancho com a posição não de ensino, mas de divulgação de discussão bioética. Gosto muito de considerar ética como substantivo. Quando alguém me diz que tal coisa é ética ou antiética, sou obrigado a pensar em pressupostos. Portanto, alguém que já pensou, já doutrinou, venha da religião, venha da lei, aquilo que é ético e o que não é; o que é bom ou o que é mal. Falando em ética, uso freqüentemente esse exemplo, deve-se considerá-la como substantivo - onde, a meu ver, o único traço de união entre as pessoas que querem entrar nessa seara é a capacidade de compreensão do outro. É a condição de solidariedade. O que tanto pode passar pela religião como simplesmente pela empatia, pela capacidade que cada um de nós tem de sentir o outro, ou de sentir o social (como é toda a tônica da ética voltada para a coletividade).

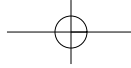
Em nível de graduação, temos, e falo agora da minha faculdade de Medicina, nessa tentativa de resgate da percepção humana do médico (que geralmente é extremamente organicista e determinista), no primeiro ano “Humanidades em Medicina”; no terceiro, “Cidadania e Medicina”; no quarto e quinto anos, “Bioética”. A partir do ano que vem, no internato, teremos “Bioética Clínica”, onde serão discutidos casos de pacientes à luz de conceitos

bioéticos. Temos ainda os cursos de “especialização” (denominação feita por mera exigência universitária, uma vez que não existe propriamente o especialista em Bioética). Cito também a Universidade Estadual de Londrina, o Rio de Janeiro, nós em São Paulo, o Núcleo de Brasília, enfim, há esforços “multicêntricos” nessa pós-graduação *lato sensu* (por *stricto sensu*, pelo menos segundo a lei brasileira, entendem-se o mestrado e o doutorado). E que crescerão e se desenvolverão sempre – isso faço questão de frisar – dentro dessa concepção absolutamente pluralista, onde o religioso conservador dialoga tranqüilamente e procura um denominador comum com o filósofo racionalista, que rejeita da maneira mais veemente todos os parâmetros vindos da religião.

Estamos em fase de construção, no Brasil, das pós-graduações *stricto sensu*. Há várias pós-graduações, e cito o exemplo da Universidade de São Paulo, onde, se nos for possível (porque os entraves burocráticos são sempre complexos), já no final de 2003 ou início de 2004 teremos o mestrado e o doutorado em Bioética.

Terminando, resta essa visão que faço questão de transmitir: Bioética não se ensina. Podemos apenas discutir e sensibilizar as pessoas, nossos alunos, nossos ouvintes, para que sintam que o ser humano é algo mais que um conjunto de genes ou de órgãos, ou de qualquer coisa. O ser humano é um ser humano.





RESUMEN

Enseñanza de la Bioética *lato sensu*

La enseñanza de la Bioética, según el autor, no es una mera transmisión cognitiva. La Bioética, que es la ética aplicada a situaciones atinentes a la existencia, no puede ser doctrina ni religión, mucho menos un conjunto de normas. Bioética es reflexión y discusión de situaciones pensadas y “sentidas” por personas diferentes, de creencias y vivencias distintas, en las cuales, existiendo confrontación de ideas (principalmente en la esfera afectiva), se intentará establecer algún consenso, donde, a partir de la aprobación parcial, serán establecidas las normas de convivencia. Así, la reflexión ética es, tanto cuanto posible, anterior a las normas. La posición del autor es la de reconocimiento del relativismo ético, tomando como una presuposición la existencia de sentimientos de solidaridad, comprensión o empatía entre los seres humanos. Y de respeto y tolerancia.

Uniterminos: enseñanza, Bioética, reflexión

ABSTRACT

Bioethics *lato sensu* teaching

According to the paper, the teaching of Bioethics is not a mere cognitive transmission. Bioethics, ethics applied to situations that relate to existence, cannot be a doctrine nor a religion, and even less so a set of rules. Bioethics is a reflection and discussion of situations thought and “felt” by different people of varying beliefs and life experiences in which whenever there is an opposition of ideas (especially in the affective sphere) an effort will be made to establish a degree of consensus upon which rules for a harmonious co-existence will be established. Ethical reflection should therefore precede regulation as much as possible. The paper recognizes ethical relativism, always taking for granted the existence of feelings of solidarity, respect, tolerance, understanding and empathy among human beings.

Uniterms: teaching, Bioethics, reflection

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

*Rua Haddock Lobo, 964, aptº 152
CEP 01414-000
São Paulo/SP – Brasil*

